

Reforma de mercado está preocupando comerciantes

Joecir Secreta

Embora sejam favoráveis à reforma do mercado da Vila Rubim, os comerciantes estão preocupados com a medida do prefeito de Vitória, Berredo de Menezes, que pretende devolver o local aos vendedores de hortigranjeiros, eliminando a venda de todos os outros tipos de mercadoria. Ontem, o presidente da Associação dos Usuários do Mercado, Izaú Vitor de Souza, questionou qual a segurança que o Governo do Estado e a Prefeitura poderiam oferecer aos filiados da associação e quem pagaria os seus compromissos com os comerciantes.

Dos 300 boxes existentes no mercado, apenas 100 estão destinados à venda de hortigranjeiros. Mas na opinião do presidente da associação, este número é suficiente para atender à demanda. Nos outros duzentos são encontrados artigos religiosos, calçados e confecções e uma mercearia.

REFORMA DO MERCADO

A reforma do mercado da Vila Rubim é uma das metas do Projeto Especial Cidades de Porte Médio. O mercado fica situado num ponto chave da cidade, em que quase todos os ônibus passam obrigatoriamente, assim como os veículos da região metropolitana. A administração é feita pela Associação de Usuários do Mercado, que tem como presidente, Izaú Vitor de Souza.

O objetivo do projeto é a reforma nos três galpões onde funcionariam 100 boxes. Prioridades: estrutura do prédio, a parte elétrica, água e piso, entre outros. Dos três galpões existentes, dois funcionariam com produtos hortigranjeiros e um com armarinhos e artesanato. Foram previstos 63 milhões para a reforma.



Prioridade para os hortigranjeiros

Izaú Vitor de Souza, apesar de ser favorável à reforma do mercado pretendida pelo prefeito Berredo de Menezes, afirma que a proposta antiga de que um órgão aplicasse a reforma em conjunto com a Associação era melhor, pois teria certeza de que a quantia de 27 milhões destinada à obra seria suficiente, isso porque, na sua opinião é de interesse de todos os usuários fiscalizarem a verba que seria aplicada na reforma, em convênio com a Associação. Exemplificando, disse que se a administração fosse feita pela CEASA "estariamos pagando 18 mil cruzeiros por boxe e não os 81 mil cruzeiros, nos três galpões" que pagam atualmente.